



DOCUMENTO

AS ASSEMBLEIAS DO POVO DA PRELAZIA

Sylvia Aranha de Oliveira Ribeiro

Nota introdutória: Este texto corresponde ao capítulo VIII do livro *Vida e Morte no Amazonas* (Loyola, 1991, p. 169-182) e apresenta um quadro das mobilizações populares que gravitavam em torno de uma leitura social do Evangelho no interior do Amazonas entre meados dos anos 1970 e a década seguinte. É, portanto, um documento que testemunha o trabalho do clero e de lideranças leigas na construção de uma Igreja “Povo de Deus”, na perspectiva do Concílio Vaticano II e das conferências episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979) pelos interiores do Brasil. Também em outros trabalhos – como *E Deus visitou seu Povo* (EDUA, 2003) – a autora discute força e os desafios desse cristianismo da libertação na Região Norte do país.

Na perspectiva dos editores do dossiê este excerto merece ser tratado como um documento, na medida em que sintetiza uma das faces mais interessantes e criativas do catolicismo dos anos finais da ditadura, oferecendo ao público leitor, ao falar dos desafios da Igreja, um quadro dos dilemas sociais postos às populações amazônicas daquele período. É notável, em especial no trecho aqui transcrito, o quanto os desafios das comunidades cristãs do interior estão ligados ao seu cotidiano, à reprodução dos modos de vida tradicionais e aos ambientes coletivos de troca de saberes e experiências. Mais do que um lugar de reza ou de exercício da autoridade eclesial, a igreja aparece aqui como lugar de encontro que renova a esperança de dias melhores, construídos com fé e organização, inclusive com engajamento nos movimentos sociais

“Para este puxirum, o povo foi convidado!”¹

O livro de Josué (24, 1-28) conta a história da mais famosa assembleia do povo no Antigo Testamento, realizada em Siquém, por convocação de Josué, após a libertação do Egito e a instalação na terra prometida.

¹ Música apresentada na 2ª assembleia do povo.



A coisa mais importante, naquela reunião das tribos de Israel, foi a recordação de toda a história antiga do povo, desde o tempo de Abraão e da fidelidade de Deus com esse povo.

Depois de conta a história, Josué falou:

“Se vocês estão cansados de servir ao Senhor, escolham hoje a quem querem servir. Quanto a mim e minha família, serviremos ao Senhor”.

Assim as tribos dos hebreus renovaram o seu compromisso com Deus.

No Novo Testamento, o tipo de organização que marcou o início da Igreja (que quer dizer: assembleia) foram as pequenas comunidades. Elas viviam a experiência da fidelidade a Jesus Cristo, perseverando no ensino dos Apóstolos, na partilha dos bens, na fração do pão (Eucaristia) e nas orações diárias (At 2, 42).

Qualquer reunião importante, que realmente representasse toda a comunidade ou o conjunto das comunidades, era chamada de assembleia.

Na nossa prelazia, as assembleias do povo foram frutos de uma longa caminhada, como se pode ver no correr de tudo o que foi narrado neste relato.

Foi em 1975 que pela primeira vez as paróquias da prelazia enviaram um representante para participar da reunião dos agentes de pastoral, a fim de planejar juntos as atividades pastorais. Esses encontros eram chamados de assembleias da prelazia. Desses encontros nasceu o Conselho Pastoral da prelazia, composto pelo bispo, um padre, uma religiosa e seis leigos, sendo um voluntário, agente de pastoral, e os outros cinco, pessoas das paróquias.

Quando fui visitar Itacoatiara pela primeira vez, no Natal de 1976, tive a oportunidade de participar como ouvinte de uma dessas assembleias.

Vendo a participação ativa do povo, que podia se expressar livremente, ter seu papel nas decisões juntamente com o bispo e os agentes, eu reconheci logo na face desta Igreja o Cristo que eu procurava e a quem queria servir.

Cada vez mais, inspirados no Concílio Vaticano II, em Medellín, sentíamos que a Igreja é o povo de Deus e que todos somos chamados a ser sacerdotes, reis profetas.

De 1976 a 1978 começaram a organizar-se os conselhos pastorais em algumas paróquias e até em algumas comunidades.

Sentindo a necessidade de caminhar em conjunto, as comunidades de algumas áreas se uniram em comunidades-irmãs ou se organizaram em microrregiões.



Mas só em 1979, influenciados também por uma assembleia do povo realizada em Santarém, no Pará, se pensou na possibilidade de um encontro em nível de prelazia, com uma participação maior do povo.

Assim, em 1980, foi convocada pelo bispo Jorge a 1ª assembleia do povo de Deus da prelazia de Itacoatiara.

A carta, convocação dizia:

“Nós que somos Igreja, Povo de Deus, somos viajantes. Caminhamos com Jesus rumo ao Pai. Temos uma tarefa: plantar o Reino de Deus ao nosso redor. É sempre necessário verificar se estamos acertando o rumo que Jesus traçou para nós.

É muito importante ver se estamos cumprindo bem a tarefa que Jesus nos deu, ver se o Reino do Pai está brotando”.

Nessa mesma convocação, foram definidos os objetivos desse grande puxirum do pai de família:

- ver como o povo de Deus da prelazia está caminhando;
- ver a realidade (o chão) onde cainhamos, o que ajuda e o que empata a caminhada;
- reforçar e criar mais união;
- ficar sabendo que todo o mundo tem responsabilidade da Igreja;
- decidir o rumo a seguir.

Silves, a paróquia mais antiga da prelazia foi escolhida para ser o lugar de realização da 1ª assembleia, que teve como tema: “Comunidades que caminham”.

Convocada a assembleia, começou a preparação: “A preparação é mais importante que a própria assembleia. Tem de sacudir e mexer como povo, renovar a vida comunitária. A assembleia deve ser coisa de Deus. Temos de rezar para adquirir mais força para a comunidade”.²

A preparação foi marcada pela participação de muitas pessoas. Uma equipe organizou o material para ajudar as comunidades a se preparar para a assembleia.

Cada comunidade se reuniu para ver como estava caminhando, para escolher os três assuntos considerados mais importantes pelo grupo e combinar quais seriam os cinco representantes para participar de um encontro de todas as comunidades dentro da sua área de pastoral (miniassembleia).

² Carta do bispo Jorge às comunidades.



Nas miniassembleias, os representantes de cada comunidade falaram dos assuntos trazidos. Tudo foi colocado e discutido, procuradas as raízes dos problemas e da grande lista de problemas, escolheram três.

Dos cinco representantes, só um de cada comunidade foi escolhido para participar da assembleia. E a viagem? E a alimentação? Cada área ficou responsável por um tipo de alimento ou material de cozinha e tinha de planejar a maneira mais econômica de viajar. Todas essas despesas exigem um grande esforço dos comunitários, porque a pobreza é grande.

Foi em janeiro de 1981, nos dias de 15, 16, 17 e 18, que os representantes de 144 comunidades se reuniram na igreja de Nossa Senhora da Conceição. A assembleia teve início na noite do dia 15.

“À tarde do dia 15 começaram a chegar os barcos ao som de cânticos, foguetes, músicas. Enfeitados com bandeiras, faixas e cartazes davam colorido todo especial e a alegria era visível nos rostos dos que chegavam, trazendo o carinho e a esperança de que unidos conseguiriam a libertação”.³

O pessoal de Urucará e Itapiranga veio junto e trouxe a imagem do Divino Espírito Santo. Quando o povo de Silves viu descer o Divino do barco correu a retirar da matriz a imagem de Nossa Senhora e a trouxeram até a beira para um encontro festivo.

De lá, em procissão, subiram as escadarias até a praça todos cantando. Na igreja, na velha igreja de Silves, dentro da celebração de abertura, cada representante se apresentou e ao bispo explicou porque o povo estava reunido.

Foram três dias de conversas, avaliações, celebrações, partilhas.

Da assembleia resultou um documento, chamado “Documento de Silves”, que tratava de quatro pontos principais, agrupando cerca de 20 problemas levantados: comunidades eclesiais de bases, direitos humanos (envolvendo problemas de terra invasão de lagos, organismos de defesa do povo), família e juventude.

Esse documento foi decisivo, como se viu, para organização do movimento em defesa do peixe, rios e lagos de Silves e outras reivindicações como luz e água na cidade de Itacoatiara.

Ainda na última assembleia do povo em Urucará (1987), foi dito que participantes das assembleias voltaram dispostas a animar a defesa do peixe nas várias áreas.

³ Depoimento de participantes da assembleia do povo.



Como disse um dos representantes: “A assembleia abriu uma caminhada que nós temos que fazer: foi uma semente a que cada um de nós temos que dar condição de germinar. A assembleia foi um passo para cada comunidade entrar num processo de transformação”.

Dois anos depois, a assembleia do povo em Itacoatiara

A segunda assembleia foi realizada em Itacoatiara, nos dias de 15 a 17 de julho de 1983.

Houve uma boa preparação nas bases e os temas foram mais específicos. Nas miniassembleias de áreas, os assuntos foram sendo selecionados e ficaram reduzidos a quatro: terras, peixe, saúde e educação popular.

Por causa de perseguições constantes sofridas pelos nossos irmãos índios, foi sugerido e aceito que esse assunto também fosse estudado, relacionando-o com os outros quatro.

E a preparação foi esquentando: alguns grupos se formaram para estudar os assuntos, usando uma cartilha preparada com essa finalidade. Nas comunidades, o povo fez caminhadas de penitências e louvor. Gente se reuniu para compor músicas e poesias.

Desta vez foram dois os representantes de cada comunidade, num total de 236 pessoas.

Não é fácil fazer uma ideia das dificuldades que o povo passa para chegar até o local da assembleia! Imaginem que os representantes do paraná do Comprido, no município de Urucurituba, viajaram mais de 20 horas e o frete do motor saiu por Cr\$ 54.000!⁴

Mas a resposta do povo veio neste canto:

Senhor, abençoa este povo
Que aqui está de novo
Tentando se organizar
Eu sei que tu vai achar bonito
Quando este povo aflito
Conseguir se libertar.

A abertura da assembleia foi no centro da cidade, na quadra de esportes Herculano de Castro e Costa, que desde cedo estava enfeitada e animada pela juventude.

⁴ O salário mínimo na época, 1983 de Cr\$ 30.600,00 (trinta mil e seiscentos cruzeiros).



Cada comunidade caminhava até a quadra com seus representantes trazendo faixas, cartazes, a imagem do santo de sua devoção; louvando e cantando bendiziam a Deus pelo grande puxirum que se aproximava...

“Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!” E o bispo dá início à celebração da missa campal.

A chamada dos representantes da comunidade é sempre um momento emocionante: quando o bispo Jorge chamava os representantes de uma área, todos respondiam em voz alta: Presente!

Quando foram chamados nossos irmãos, os índios Waimiri-Atroari, foi aquele silêncio... Mas logo se viu a Doroti, da pastoral indigenista, que se dirigiu para o altar carregando um cartaz com um retrato de Maroaga, chefe indígena assassinado, e onde se lia: Waimiri-Atroari: Presente!

“Presentes” porque estavam representados por nós todos que estávamos na assembleia.

Na 4ª assembleia em Urucará após a chamada dos Waimiri-Atroari, ninguém respondeu. Foi colocada no centro da Igreja, em frente ao altar, uma cadeira com as máscaras e vestimentas indígenas e correntes de ferro, significando a situação de opressão e extermínio em que se encontram esses índios. Foi um silêncio pesado e cheio de sofrimento.

Não se ouviu nem canto de passarinho nem risada de criança, nessa terra devastada pela hidrelétrica de Balbina, parte da antiga reserva indígena, terras dos Waimiri-Atroari...

Voltando à narração da abertura da 2ª assembleia, na hora do ofertório, o pessoal de Silves apresentou objetos de artesanato, feitos com amor em várias comunidades, para lembrar que a cultura do povo, apesar de tudo, permanece viva.

Essa segunda assembleia do povo se realizou no Centrepi e foi difícil trabalhar com tanta gente!

O tempo foi pouco para estudar os temas escolhidos, mas na medida do possível, após a visão dos problemas e a busca das causas, foram apresentadas sugestões para dar continuidade à caminhada. Apareceu muito claramente nas considerações sobre educação popular a necessidade de se redescobrir a história do povo amazonense para ele poder recuperar sua identidade, perdida e negada.



Até poucos anos atrás, a história e a geografia estudadas no Amazonas, por incrível que pareça, eram as de São de Paulo, por causa dos livros didáticos “importados” do Sul.

Também foi sentida, várias vezes, durante os plenários, a falta de um assessor que pudesse completar os dados e informações fornecidas pelo povo, muitas vezes insuficientes, e ampliar a visão dos problemas.

Além dos trabalhos e celebrações, os participantes apresentaram músicas e cartazes criados nas comunidades.

Com a benção de Deus e a apresentação das conclusões, foi encarada a 2ª assembleia do povo. Cada um voltou para sua casa com o compromisso de levar para os companheiros da comunidade tudo o que foi conversado e decidido.

Uma pessoa perguntou ao bispo: “Qual foi o resultado da assembleia do povo?”

Ele respondeu que ainda não sabia, só daqui mais uns tempos... e continuou: “Plantamos muito, agora temos que cuidar bem do que foi semeado para tudo crescer e dar frutos. Os frutos que esperamos são: a Liberdade, a Fraternidade, a Justiça”.

Povo de Deus lutando pela vida, foi o tema da 3ª assembleia realizada em Urucurituba, de 5 a 9 de junho de 1985.

O povo vai tomando consciência de ser Igreja e os cantadores traduzem em verso esse pensar:

Da união das humildes
É que vêm as decisões
É a consciência do povo
Igreja em preparação
Continuando na ativa
A história da Salvação.⁵

Foram convocados dois representantes de cada comunidade e o total foi de 289 participantes entre comunitários, agentes e convidados. Nós, de Silves, viajamos num pequeno barco e não foi fácil atravessar o rio Amazonas, debaixo de forte chuva. Depois da travessia, a chuva se tornou temporal, obrigando-nos a procurar abrigo num remanso onde esperamos um bom tempo para que a chuva amainasse.

⁵ Antônio Silva, Arari.



A preparação tinha sido feita nas bases e isso ajudou muito na discussão dos três temas:

- união e organização das comunidades;
- terra;
- saúde.

Foram dias cheios: reuniões, estudos, celebrações. O Espírito Santo era constantemente invocado com um canto composto pela equipe de Itacoatiara-cidade.

Enquanto o povo se encontrava na igreja de Cristo Ressuscitado, lá fora a chuva caía pesada, quase constante nesses três dias. Todo mundo chegava com os sapatos pesados de uma lama pegajosa e muitos vinham descalços carregando as sandálias nas mãos porque elas queriam ficar grudadas na lama.

Em compensação, faltou água nos canos e um paciente carroceiro fez, durante todo o dia, inúmeras viagens para apanhar água no rio Amazonas, carregando em camburões em cima da carroça puxada a burro.

O povo da cidade acolheu os visitantes com alegria e abriu suas casas para agasalhá-los.

Como nas outras assembleias, o povo contou seus sofrimentos, sua falta de vida, suas mortes, suas esperanças e cada área de pastoral procurou fazer um esboço de planejamento. As conclusões aparecem sob a forma de aspirações.

Queremos (a respeito da união e organização das comunidades):

- aprofundar os estudos da Bíblia, realidade, política e comunidade;
- melhorar a formação dos nossos líderes, através de cursos e encontros;
- que a prelazia forneça mais material sobre a situação dos índios;
- nos reunir com as comunidades-irmãs para discutir os problemas e nos ajudar mutuamente;
- dar mais espaço e apoio aos jovens em nossas comunidades;
- valorizar a cultura de nossos antepassados;
- unir as forças entre Sindicato, CPT, CUT na busca da libertação do povo;
- garantir a liberdade das comunidades cristãs, sem estatutos, carteirinhas de presidente, ou qualquer identificação política que comprometa a autonomia da caminhada;
- fazer festas sem exploração.

Queremos (a respeito da saúde):



- manter agentes de saúde e formar equipes de saúde nas comunidades;
- fazer hortas comunitárias para prevenir doenças;
- conscientizar as famílias para usarem mais remédios caseiros e divulgar a cartilha *plantas que curam*;
- ter mais cursos de orientação para agentes de saúde;
- exigir das autoridades mais assistência médica;
- fazer campanha e abaixo-assinado, reivindicando melhor atendimento no INPS, Sesau e Funrural.

Queremos (a respeito da terra):

- planta bem raízes, cultivando a terra para fixar o homem nela;
- cultivar produtos que alimentam;
- aconselhar comunitários a não venderem suas terras;
- que todas as comunidades providenciem a legalização de suas áreas tirando um documento;
- pedir recadastramento das terras para ter título e não para vender terra;
- fazer estudo sobre reforma agrária, promover cursos sobre leis de terra com a colaboração da CPT;
- comemorar o dia 25 de julho (dia do agricultor) em toda a prelazia;
- lutar por um sindicato forte, reunindo as delegacias e convencendo os companheiros a se sindicalizarem;
- ajudar também a organização da classe operária, fortalecendo seu sindicato;
- votar em pessoas que defendam os interesses dos trabalhadores.

No final da assembleia, perguntou-se se valia a pena continuar com esses encontros, e a grande maioria respondeu que sim.

“É a única oportunidade que o povo de Deus da prelazia de Itacoatiara tem para se reunir e rezar todos juntos. Deve continuar assim, principalmente com a participação ativa dos agentes de pastoral”.⁶

Urucará foi a sede da 4ª assembleia do povo

(2 a 5 de julho de 1987)

⁶ Opinião de um dos participantes



Apesar de tantos esforços realizados, o povo se queixa sempre da falta de união e organização nas comunidades.

Por isso, o tema da 4ª assembleia foi *CEBs: unidos e organizados venceremos*, e se pensou que, após a realização de três assembleias, era importante fazer uma avaliação da própria assembleia e da caminhada desde 1981.

A assembleia é importante: são momentos de crescimento na fé. É a fé no Deus que está ao nosso lado, quando trabalhamos e lutamos para conseguir mais vida e liberdade para todos, que não deixa o povo desanimar. É Deus quem dá sentido à luta pela transformação do mundo.

A assembleia faz crescer nas comunidades a consciência da responsabilidade e da partilha. Por exemplo, cada vez mais as pessoas compreendem que a manutenção da assembleia é da responsabilidade de todos os comunitários.

É bonito perceber, por ocasiões das assembleias, a grande maioria das comunidades se movimentando para conseguir o arroz, a farinha, a carne, as verduras e frutas. O peixe é conseguido em pescarias comunitárias.

Também para o transporte, há união e acordo entre várias comunidades para virem num só braço e economizarem o frete.

Cresce também, nesses encontros, a confiança do pequeno no outro pequeno. “Eu acredito que o mundo será melhor, quando o menor que padece acreditar no menor”.⁷

Aumenta a consciência no meio dos pobres de que a sociedade mais justa e fraterna não surgirá das autoridades e de que o caminho que resta é o da união e da organização dos fracos que contam com a força de Deus.

Um ponto a ser notado é o pequeno número de representantes femininas nas assembleias. Na última, por exemplo, eram 16 mulheres e 142 homens. Indagadas a respeito do fato, as mulheres disseram que: “era por causa da timidez; as mulheres são vergonhosas e preferem mandar os maridos”; “fica mais difícil para as mulheres saírem por causa do cuidado da casa e dos filhos”; por causa do autoritarismo do marido. “As mulheres são governadas: alguns maridos empatam as mulheres que querem participar, outros, porém, colaboram, ficando com as crianças”; “a mulher não é valorizada na comunidade, não tem vez, por exemplo, para dirigir o culto e exercer outros ministérios”.

⁷ Refrão de canto popular



Saiu da assembleia uma sugestão: que houvesse uma assembleia só de mulheres em que os homens fossem apenas colaboradores.

Depois disso, já houve em algumas áreas esses encontros só de mulheres, e os homens muito cordialmente se ofereceram para trabalhar na cozinha, enquanto as esposas tratavam de seus problemas, tudo num ambiente de alegria e fraternidade.

Na igreja de Urucará, local do encontro da 4ª assembleia, uma grande cruz esteve presente em todo o desenrolar das atividades. “As pessoas contemplam, se identificam, abraçam e depositam uma esperança na certeza de que, assumindo a cruz do jeito de Jesus, as coisas mudam. E a cruz que ficou à frente dos participantes da 4ª assembleia era muito bonita, pois significava a ressurreição; estava enfeitada com flores e folhas verdes, embelezada com fotos dos nossos mártires da América Latina, tendo atrás um pano de cor vermelha, lembrando o sangue que fecunda os cristãos. Todos sabiam que a cruz não é uma canga que oprime, mas um instrumento que fez sofrer, mas nos leva ao dia mais bonito que há de vir, que estamos construindo e que já iniciou” (CIPO, agosto/setembro 1987).

Lembrava a todos que a “dor do povo é muito grande, mas a esperança é maior. A esperança passa por cima da dor”.⁸

Após um pedido de perdão por todas as nossas faltas pessoais e sociais, a cruz foi erguida e todos de mãos dadas cantamos a “Utopia” de José Vicente, que é um canto vibrante de esperança.

Utopia

José Vicente

Quando o dia da paz renascer
Quando o sol da esperança brilhar, eu vou cantar
Quando o povo nas ruas sorrir
E a roseira de novo florir, eu vou cantar
Quando as cercas caírem no chão
Quando as mesas se encherem de pão, eu vou cantar
Quando os muros que cercam os jardins,
Destruídos, então os jasmims vão perfumar,

Vai ser tão bonito se ouvir a canção
Cantada, de novo,
No olhar do homem a certeza do irmão,
Reinado do Povo!

⁸ Frase de um catequista de 16 anos.



Quando as armas da destruição
Destruídas em cada Nação, eu vou sonhar
E o decreto que encerra a opressão,
Assinado só no coração, vai triunfar.
Quando a voz da verdade se ouvir
E a mentira não mais existir, será enfim
Tempo novo de eterna justiça
Sem mais ódio, sem sangue ou cobiça, vai ser assim!

Durante os dias da assembleia, os estudos em grupo se alternavam com os plenários, e sempre havia uma “fila de povo” em que cada um, espontaneamente, tratava do assunto que desejasse. Apareceram assim histórias, poesias, notícias, contestações, sugestões, etc.

Mas, é claro, nem tudo é perfeito e positivo nas assembleias. Uma das dificuldades são os representantes, que nem sempre são pessoas bastante comprometidas com a comunidade, e são escolhidas ou por terem disponibilidade de tempo ou ainda porque falam bem, etc. Esses, ao regressarem, nem sequer comunicam o que se passou à comunidade.

Alguns são comprometidos, mas se veem de tal modo envolvidos pelas necessidades do dia-a-dia, na luta pela sobrevivência, que não têm condições de levar avante um trabalho. Há ainda a resistência do povo em acreditar no pequeno, seu companheiro; esta é, muitas vezes, a queixa dos representantes.

Então acontece que muitas das pessoas e sugestões da assembleia não chegam a ser postas em práticas.

Nas assembleias do povo, há ainda dificuldade no sentido de saber-se qual é o papel do agente de pastoral, qual a sua participação nas discussões, no encaminhamento da própria assembleia, nas conclusões.

O povo amazonense tem uma lógica, uma maneira de encaminhar as questões, de discutir, bastante diferente da dos agentes, geralmente de classe social diferente, frequentes vezes de outra cultura.

Como estabelecer um diálogo real, sem ignorar as diferenças, mas valorizando os aspectos comuns?

Quando chegarmos a ser realmente esse povo de Deus, em que não há nem amazonenses nem estrangeiros, nem mulher, nem dominador nem dominado, mas todos seremos um em Jesus Cristo (Gl 4,28)?